



## **EDUCAÇÃO FÍSICA CULTURAL, FILOSOFIA DA DIFERENÇA E A LUTA CONTRA O CAPITALISMO<sup>1</sup>**

### **CULTURAL PHYSICAL EDUCATION, PHILOSOPHY OF DIFFERENCE, AND THE STRUGGLE AGAINST CAPITALISM**

### **EDUCACIÓN FÍSICA CULTURAL, FILOSOFÍA DE LA DIFERENCIA Y LUCHA CONTRA EL CAPITALISMO**

Pedro Xavier Russo Bonetto,  
Universidade do Pernambuco (UPE)  
Rubens Antonio Gurgel Vieira,  
Faculdade Federal de Lavras (UFLA)

#### **INTRODUÇÃO**

Ao cartografar pesquisas com a perspectiva pós-crítica de Educação Física, é possível observar uma centralidade dada à diferença, compreendendo-a a partir de distintas concepções, como a diferença cultural, diferença linguística e diferença filosófica (VIEIRA, 2020). Tais concepções, ainda que possam se afastar epistemologicamente, na tradução didática do currículo cultural terminam por se aproximar ao se mostrarem intrinsecamente relacionadas com “dar voz”, lutar por justiça, defender o “direito à”, reconhecimento, produção, potencialização de modos de vida ou de subjetividades abertas, solidárias e democráticas. Em síntese, os trabalhos produzidos no âmbito desta visão curricular anseiam por uma sociedade menos desigual, mais justa, onde as diferentes formas de vida são reconhecidas e valorizadas.

---

<sup>1</sup> O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para a realização.



Não obstante, ao se desvincular do materialismo histórico-dialético, a perspectiva cultural de Educação Física é frequentemente acusada de compactuar com o modelo econômico hegemônico na contemporaneidade – o capitalismo radicalmente neoliberal.

Também de índole conservadora – todavia de conservadorismo distinto ao do acima comentado –, dada sua *episteme* filiada ao pensamento pós-moderno e, nele, às teorias pós-crítica e pós-estruturalista, mas, sem dúvida, de ética progressista, encontramos estudos e propostas da lavra do professor Marcos Neira” (CASTELLANI FILHO, 2020, p. 48).

Sem cometer o erro crasso de diminuir concepções filosóficas tão complexas como pós-estruturalismo, pós-modernismo/pós-modernidade aos princípios capitalistas, Vieira (2020) problematiza o potencial revolucionário do currículo cultural de Educação Física sopesando que, possivelmente, a luta anticapitalista seria um momentâneo “calcanhar de Aquiles” dessa perspectiva. Para o autor, as produções que perscrutam o currículo cultural atacam o capitalismo pelas margens, sem realizar análises macroeconômicas articuladas diretamente com as estratégias metodológicas. Apesar do enfoque microfísico estar coerente com o distanciamento de qualquer metanarrativa universalista, postura típica da visão pós-crítica, tal escolha abre margens para acusações como as mencionadas acima.

Diante dessa problemática, o trabalho em questão tem como objetivo recolocar a concepção de Educação Física pós-crítica diante da luta contra o modelo capitalista, defendendo-a, portanto, como uma proposta, sim, contra hegemônica e subversiva, mas que, ao se inspirar na Filosofia da diferença, empreende seus golpes e estratégias de combate de forma distinta daquelas teorizações tradicionalmente conhecidas como críticas, como, por exemplo, o materialismo histórico dialético. A metodologia utilizada nas análises é inspirada na hermenêutica filosófica, aqui, baseada na filosofia da diferença produzida por intelectuais como Gilles Deleuze e Félix Guattari.

## FILOSOFIA DA DIFERENÇA E SEU OLHAR SOBRE O CAPITAL



Em textos individuais e conjuntos, Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995a, 1995b, 1996, 1997a, 1997b, 2011) apresentam um pensamento original para pensar a vida na sociedade capitalística moderna, extremamente importante para se debruçar sobre os processos de subjetivação – questão central na educação.

A partir de uma ontologia política profundamente transversal e antidisciplinar, os filósofos supracitados construíram um pensamento da imanência e da multiplicidade opostos a totalidade e transcendência do humano. Com isso, desfere-se grande golpe a qualquer epistemologia que distingue interno e externo, qualquer exacerbado subjetivista. Nessa perspectiva, os filósofos criam obras que se propõem a introduzir o conceito de produção na natureza, na história e no desejo (DELEUZE, GUATTARI, 2011). Em suma, nas obras dos autores há uma produção ontológica da natureza que deixa de pensar em sujeito e objeto, abrindo espaço para estudos da subjetividade.

O chamado Capitalismo Mundial Integrado (CMI), nas palavras de Guattari (1985), acontece com um sistema que integra descodificação-recodificação, que captura fluxos descodificados de forma interminável e incessante – uma axiomática geral dos fluxos. Axiomatizar, aqui, é reterritorializar qualquer fluxo que ameace o capitalismo: a insatisfação da greve resolvida com o aumento salarial, a problemática da fome resolvida com programas sociais, o acesso ao conhecimento resolvido com a escola de massas - sempre na atuação mínima para manter a organização estatal máxima.

Assim, qualquer linha de fuga, que coloque em risco um funcionamento social voltado para o acúmulo de capital, precisa ser capturada. Isso acontece porque novas subjetividades implicam em novas formas de vida, como, por exemplo, novas expressões em vestimenta, música, relacionamento etc. Se estas novas formas colocarem em xeque o fim último do modo capitalístico, que é o lucro, rapidamente esses fluxos são capturados e novas tendências subjetivas viram mercado.

O Estado moderno ou Estado-nação é o modelo, ou o agente que garante tal captura, que certifica as reterritorializações e atualiza as axiomáticas. No interior dessa sociedade estatal capitalista, temos a fabricação de subjetividades e modos de existência que se alinham aos preceitos do capital. Assim, não há capitalismo sem Estado e qualquer modelo estatal só se diferencia na sua forma, uma vez que a sua existência serve ao mesmo propósito – produção



de excedentes para acúmulo de capital. Seja um estado totalitário, democrático, socialdemocrata ou mesmo socialista, a função estatal permanece capitalística.

Diante deste quadro, o CMI apresenta uma dinâmica que coloca de um lado do espectro o fortalecimento do mercado interno (países colonizadores) e, de outro, privilegia-se o mercado externo (países colonizados). Entretanto, os filósofos enfatizam que todas as nuances do espectro trabalham para o mercado capitalista, que visa a produção como meio de acúmulo de lucros (DELEUZE, GUATTARI, 2011). As diversas sociedades mundiais estão sujeitas a navegar de um espectro a outro, dependendo das suas contingências históricas e como se apresentam suas elites governantes.

Trabalhadores, consumidores, empresários, chefes... todos subjetivados e escravos da lógica do capital (obviamente com condições materiais muito distintas). Isso, por exemplo, explica a defesa que muitos indivíduos subjugados fazem do funcionamento da máquina capitalista, como se afundam em trincheiras neoliberais e saem em defesa do mercado, da meritocracia e dos lucros exorbitantes de grandes empresas e bilionários, ainda que vivam de forma extremamente precarizada. Como todos são escravos da subjetividade capitalística, o capitalismo neoliberal é a mais drástica de todas as formações sociais. A luta é, portanto pela produção de intensidades, composições estéticas e políticas que distam dos fins acúmulo-consumo, uma subjetividade que não deseja o poder, o fascismo, o domínio, o acúmulo...

Para a produção de outras subjetividades, os autores apontam para a necessidade de uma máquina de guerra (DELEUZE, GUATTARI, 2011). Essa, por sua vez, não tem a guerra por objetivo, mas a luta contra espaços e tempos estriados pela máquina estatal. A máquina de guerra é o fora do estado que visa então ocupar e promover espaço e tempo liso que possibilitem o nomadismo subjetivo, ou seja, a busca por intensidades que não seja conduzida para fins imersos na lógica produção-consumo que movimenta o ciclo de acúmulo de capital. Esta luta através da máquina de guerra se dá no nível da micropolítica (compreendida como uma política do desejo).

A mudança social passa, então, pela capacidade de acoplamento com processos de transformação do real. Para a escravização desejante imposta pela captura de fluxos do capitalismo, Deleuze e Guattari propõem a esquizoanálise, cujo objetivo é colocar em funcionamento máquinas de guerra, máquinas microrrevolucionárias, máquinas desejantes e



esquizofrênicas e as máquinas analíticas, todas acopladas: é a recolocação do problema em termos de produção. Como não há manual, a esquizoanálise pode ser muitas coisas, inclusive uma inspiração curricular.

## A EDUCAÇÃO FÍSICA CULTURAL CONTRA AS SUBJETIVIDADES CAPITALÍSTICAS

A concepção deleuze-guattariana de entender a sociedade e seus modos de funcionamento no capitalismo, como se pode imaginar, não conta com a esperada revolução marxista, uma vez que as crises do capitalismo (ameaça de fim do lucro, uma morte que vem de dentro) são recodificadas por axiomáticas que impedem que o sistema colapse totalmente sem se reorganizar. Nessa compreensão, ainda que pareça muito pessimista, não se trata de defender o fim da história pela via inversa. De acordo com os filósofos, há possibilidades de resistência e reconfigurações: destacam, por exemplo, a importância da via da micropolítica e das pequenas insurgências (microrrevoluções), temas já relacionados com a perspectiva cultural.

Articulando tais elementos com a promoção das estratégias de contraconduta e com o trato micropolítico nas lutas por subjetivação, esperamos que seja possível ampliar a ação do sujeito em relação aos processos de subjetivação, fazendo-o recusar por aqueles que se baseiam somente na padronização e obediência. Por conseguinte, o currículo cultural pode ser uma alternativa para potencializar subjetividades não-fascistas, uma vez que não apenas reconhece, como promove, e afirma diferentes modos de existência e processos de singularização das subjetividades (BONETTO; VIEIRA, 2021, p. 17).

Assim, é possível alinhar as lutas do currículo cultural tanto a noção de subjetividade, produzida em agenciamentos de desejo (e não da conscientização), quanto com a proposição de uma pedagógica enquanto máquina de guerra. Dessarte, o conceito de máquinas de guerra nos ajuda a reflexionar o currículo cultural de Educação Física, potencializando a sua prática subversiva. Que, tal como as máquinas de guerra, libertam os sujeitos de subjetividades





homogeneizantes, ligadas à produção de valor e consumo, com orientação individualizante e meritocrática.

Por isso, os encaminhamentos pedagógicos (mapeamento, leitura, aprofundamento, ampliação, ressignificação, problematização), os princípios ético-políticos (justiça curricular, evitar daltonismo cultural, descolonização do currículo, reconhecimento da cultura corporal da comunidade, ancoragem social dos conteúdos, enunciação dos saberes discentes) bem como toda epistemologia do currículo cultural (NEIRA, 2019; NEIRA, NUNES, 2009; 2022), mesmo sem repetir manifestos baseados nos conceitos de luta de classes, alienação/emancipação, mais-valia, burguesia, fetichismo da mercadoria, oferecem ferramentas potentes para produzir subjetividades não capitalísticas. Todavia, o faz, sem desconsiderar toda importância e atualidade da teoria crítica, a partir de outras estratégias de luta, deslocando a perspectiva macropolítica para a micropolítica, da revolução (armada ou não) para as microrrevoluções do desejo, da questão da emancipação e da luta de classes para a ordem das subjetividades não capitalísticas.

Por fim, a máquina de guerra Educação Física cultural busca atuar nos processos de singularização das subjetividades, potencializando a diferença e o devir. Em outros termos, a Educação Física cultural produz pequenas sabotagens na máquina capitalística (BONETTO; 2021), produzindo uma experiência pedagógica de uma “Educação Física menor” (VIEIRA, 2020; 2022) ao distorcer os princípios da racionalidade moderna e ao reconhecer toda a multiplicidade de formas de vida e a existência.

## REFERÊNCIAS

BONETTO, P. X. R.; VIEIRA, R. A. G. Aleturgia do currículo cultural na educação física: experiências pedagógicas potencializadoras de subjetividades não-fascistas. **Conexões**, Campinas, v. 19, n. 1, p. e021032, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8660658/26897>. Acesso em: 02 maio. 2023.



BONETTO, P. X. R; **Esquizoexperimentações com o currículo cultural de Educação Física**. 2021. 336f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo, 2021. Disponível em:

CASTELLANI FILHO, L. Às voltas com o futuro: minhas incursões na Educação Física escolar. **Unisul**, Tubarão, vol.14, n.25, p.19-51, jan/jul. 2020.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995a. v. 1.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995b. v. 2.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996. v. 3.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997a. v. 4.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997b. v. 5.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia** 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

GUATTARI, F. **Revolução molecular: pulsações políticas do desejo**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Educação Física, Currículo e Cultura**. São Paulo: Phorte, 2009.



NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. (Orgs.) **Epistemologia e didática do currículo cultural da Educação Física**. São Paulo: FEUSP, 2022.

VIEIRA, Rubens Antônio Gurgel. **Conceitos em torno de uma Educação Física menor**: possibilidades do currículo cultural para *esquizoaprender* como política cognitiva. 2020. 244f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2020.

VIEIRA, R. A. G. **Educação Física menor**. Jundiaí-SP: Paco, 2022. Disponível em: <https://www.gpef.fe.usp.br/2023/02/13/vieira-r-a-g-educacao-fisica-menor-jundiai-sp-paco-2022/> Acesso em: 02 maio 2023.